Carlos Drummond de Andrade em paisagens literárias africanas

Carlos Drummond de Andrade in African literary landscapes

Maria Nazareth Soares Fonseca*

RESUMO: O ARTIGO COMENTA A PRESENÇA DA LITERATURA BRASILEIRA NA ÁFRICA DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA DESTACAR A IMPORTÂNCIA DA POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, QUE CHEGA AO CONTINENTE JUNTO COM OUTROS POETAS DO MODERNISMO BRASILEIRO. PROCURA-SE CONSIDERAR QUE A PRESENÇA DA POESIA DE DRUMMOND EM PAISAGENS LITERÁRIAS AFRICANAS AJUDOU A FECUNDAR PROJETOS LITERÁRIOS IMPORTANTES, NA FASE ANTERIOR A 1975, PERMANECENDO PRESENTE NA LITERATURA PRODUZIDA APÓS A INDEPENDÊNCIA DOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA.

ABSTRACT: THIS ESSAY COMMENTS ON THE PRESENCE OF BRAZILIAN LITERATURE IN PORTUGUESE-SPEAKING AFRICA TO HIGHLIGHT THE IMPORTANCE OF CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE'S POETRY, WHICH ARRIVES IN THE CONTINENT ALONG WITH OTHER BRAZILIAN MODERNIST POETS. WE INTEND TO CONSIDER THAT DRUMMOND'S POETRY IN THE AFRICAN LITERARY LANDSCAPES HAS HELPED FOMENT RELEVANT LITERARY PROJECTS, PREVIOUS TO THE 1975'S, REMAINING AN IMPORTANT REFERENCE TO THE LITERATURE PRODUCED AFTER THE INDEPENDENCE OF THESE AFRICAN PORTUGUESE-SPEAKING COUNTRIES.

PALAVRAS-CHAVE: PAISAGENS LITERÁRIAS; CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE; POETAS AFRICANOS.
KEYWORDS: LITERARY LANDSCAPES; CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE; AFRICAN POETS.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Email: nazareth.fonseca@gmail.com.

Via Atlantica22.indd 87 03/02/2013 19:28:18

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

Carlos Drummond de Andrade (1967, p. 111)

A presença da literatura brasileira nos países africanos de língua portuguesa, principalmente em Cabo Verde, Angola e Moçambique, é referência constante em estudos que investigam o impacto da literatura modernista brasileira na formação da face moderna dessas literaturas[1]. Vários estudos aludem à importância da obra de escritores brasileiros na produção literária de escritores africanos que, em diferentes momentos, estavam empenhados na definição dos novos caminhos a serem literariamente percorridos na África de língua portuguesa. Assim o fizeram os fundadores da revista *Claridade*, nascida em 1936, na cidade do Mindelo, na ilha de São Vicente, em Cabo Verde, e os escritores e intelectuais angolanos e moçambicanos, no final da década de 1940 e princípio de 1950, ao se disporem a trilhar o caminho aberto por obras da literatura brasileira. Certamente os escritores se referiam à prosa regionalista brasileira dos anos 1930, que, ao encenar a situação de penúria em que vivia grande parte da população brasileira e as injustiças de um sistema social, encorajava a luta que se ia fortalecendo na África em busca de liberdade e de transformação. E também à poesia dos modernistas brasileiros que propunha uma renovação radical na linguagem e na forma, marcando a ruptura com a arte tradicional, como dizem os versos do poema "Poética", de Manuel Bandeira:

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado

1. Citem-se, dentre outros, Carlos Ervedosa (1974), Manuel Ferreira (1989), Maria Aparecida Santilli (1985), Pires Laranjeira (1992), Elisalva Madruga Dantas (2003), Rita Chaves (2005), Simone Caputo Gomes (2008), Maria Nazareth Soares Fonseca (2008).

Via Atlantica22.indd 88 03/02/2013 19:28:18

> Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
> protocolo e manifestações de apreço ao Sr. Diretor
> (BANDEIRA, 2001, p. 70).

A poesia modernista e o romance regionalista do Brasil foram tomados, em vários espaços da África, como um caminho aberto à expressão do descontentamento e se aliavam a um processo de conscientização política que iria desembocar na conquista da independência na década de 1970.

Não é por acaso que o poeta José Craveirinha, ao recordar, em entrevista feita por Omar Thomaz e Rita Chaves e publicada em 2005, a importância do Brasil e da literatura brasileira em sua formação de leitor e de escritor, destaca o contato com a literatura de Graciliano Ramos e, sobretudo, com a de Jorge Amado (1998), cujos romances permitiam que ele pudesse perceber as semelhanças entre o Brasil e Moçambique.

Manuel Ferreira, o importante teórico e divulgador das literaturas africanas de língua portuguesa na África e na Europa, destaca, no texto "Emergência da intertextualidade afro-brasileira", parte do livro *O discurso no percurso africano I* (1989), a importância da literatura brasileira no desenvolvimento da atividade literária que, em Angola, Moçambique e Cabo Verde, fez-se veículo de conscientização política em momentos importantes desses países. Os escritores e intelectuais viam a produção literária como possibilidade de desestabilização do sistema de opressão que permaneceu na África de língua portuguesa até o ano de 1975, quando, finalmente, deu-se a independência dos novos países africanos. A relação entre a "revolução estética", buscada por muitos escritores e intelectuais africanos, e a "revolução política", que garantiria a vitória contra o colonialismo, dá corpo a uma proposta, ainda que utópica, de construção do futuro.

A ficção de Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos exerceu um papel fundamental na formação de projetos literários de viés nacionalista. E a poesia dos poetas Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e João Cabral de Melo Neto reitera a significação da literatura brasileira na formação da modernidade literária de países africanos de língua portuguesa. Como partícipe dessa construção edificada no espaço da literatura, a poesia de Carlos Drummond de Andrade, com destaque para a expressa por sua poesia de feição social, circula

Via Atlantica22.indd 89 03/02/2013 19:28:18

por espaços africanos, ajudando a enfrentar um tempo "de meio silêncio/de boca gelada e murmúrio"[2].

A presença dos poemas de Drummond dentre os textos brasileiros reconhecidos na África é atestada por Manuel Ferreira (1989) e por vários escritores de Cabo Verde, Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe[3], os quais, em referências e declarações, registram a importância que a poesia do poeta mineiro teve em sua formação. O escritor são-tomense Albertino Bragança, autor do conhecido *Rosa do Riboque e outros contos* (1997), em entrevista a Michel Laban[4], ressalta ser Carlos Drummond de Andrade um dos escritores brasileiros que mais o influenciaram, juntamente com Graciliano Ramos e Jorge Amado.

A presença de poemas de Drummond na formação de vários escritores africanos reitera a força do modernismo brasileiro e do seu papel norteador na produção de novas mentalidades. Em diferentes contextos da fase pré-independência e também no pós-independência, a poesia do escritor mineiro esteve presente para fecundar intenções literárias em busca de novos padrões estéticos.

Em congresso realizado em Roma, em 2002, a Profa. Laura Padilha, ao homenagear Agostinho Neto, o grande poeta e o primeiro presidente de Angola, morto em 1979, aponta, em sua poesia, ecos da literatura modernista brasileira. A ensaísta, ao discutir a proposta literária angolana em busca de uma poesia que se quer libertação, percebe-a no célebre poema de Neto "Criar", cujo refrão – "criar/criar com os olhos secos" – inscreve na escrita literária a intenção do poeta de lutar "com os olhos secos" contra os tempos duros da repressão colonialista. Laura Padilha assinala a proximidade entre Neto e Drummond quando ambos, à procura da poesia, defendem um fazer poético que se concretiza no "poder das palavras". Por isso, na opinião da ensaísta, na expressão "com olhos secos", de Neto, podem ser percebidas as preocupações drummondianas, expressas no poema "Procura da poesia", de

2. Os versos pertencem ao poema de Carlos Drummond de Andrade "Nosso tempo", do livro *A rosa do povo* (1967, p. 144-148).

3. Vários escritores comprovam a presença da literatura brasileira na África. Dentre vários, merecem registro os depoimentos de escritores cabo-verdianos como Baltasar Lopes, Orlanda Amarílis, Luís Romano e Gabriel Mariano, de angolanos como Carlos Ervedosa, Costa Andrade, Ernesto Lara Filho e Luandino Vieira, e os de Calane da Silva e José Craveirinha, de Moçambique.

4. A entrevista integra o livro S*ão Tomé e Príncipe*: encontros com escritores, publicado em 2002.

Via Atlantica22.indd 90 03/02/2013 19:28:18

A *Rosa do povo*:

> Não recomponhas
> Tua sepultada e merencória infância
> Não osciles entre o espelho e a
> Memória em dissipação.
> Que se dissipou, não era poesia.
> Que se partiu, cristal não era (ANDRADE, 1967, p. 139).

O afastamento das coisas é necessário ao fortalecimento de um olhar que percebe a dureza da opressão, fortalecendo o ânimo de se lutar contra ela. Essa particularidade é destacada por Padilha na homenagem feita ao poeta angolano, em 2002, retomada no texto "Agostinho Neto em trançado de brasileiras vozes", publicado pela revista *Scripta*, em 2003:

> Ambos não aceitam as limitações, o abate dos sonhos, a teia das impossibilidades e das negações e rasuras que a pedagógica história e práxis da opressão fizeram abater-se sobre os homens. Os dois insistem em encenar o "sentimento do mundo", buscando que os homens "se reconheçam [...]" (PADILHA, 2002, p. 333).

Em diferentes feições, a desconstrução da tradição literária brasileira assumida pelo modernismo chegará à África de língua portuguesa, ajudando a fortalecer a transgressão desejada por escritores africanos para alcançar a renovação da escrita literária em cada país africano de língua portuguesa.

Passadas as lutas pela libertação do colonialismo, a literatura dos países africanos de língua portuguesa, em busca de caminhos próprios, mantém o diálogo com a obra de escritores brasileiros. E, nesses novos percursos, Carlos Drummond de Andrade continua presente como motivação para vários poetas.

O poeta angolano João Maimona, no "Poema para Carlos Drummond de Andrade", do livro *Quando se ouvir os sinos das sementes* (1993), retoma o célebre verso de Drummond "no meio do caminho tinha uma pedra", do poema "No meio do caminho", do livro *Alguma poesia* (1967), e, metonimicamente, o faz circular ao longo do poema, através da repetição das palavras "caminho" e "pedra":

No meio do caminho tinha uma pedra.
C.D.A.

É útil redizer as coisas
as coisas que tu não viste
no caminho das coisas
no meio de teu caminho.

Fechaste os teus dois olhos
ao bouquet de palavras
que estava a arder na ponta do caminho
o caminho que esplende os teus dois olhos.

Anuviaste a linguagem de teus olhos
diante da gramática da esperança
escrita com as manchas de teus pés descalços
ao percorrer o caminho das coisas.

Fechaste os teus dois olhos
aos ombros do corpo do caminho
e apenas viste apenas uma pedra
no meio do caminho.

No caminho doloroso das coisas
(MAIMONA, 1993, p. 17).

No poema de Maimona, a releitura do verso "No meio do caminho tinha uma pedra", de Drummond, marca-se pela desconstrução dos sentidos possíveis ao termo "pedra", construídos pelo texto do poeta brasileiro. Se, no poema de Drummond, a palavra "pedra" pode significar impedimento para o caminhar, assumindo, por isso, um forte tom de desencanto, no de Maimona, o mesmo termo assume a clara alusão ao empenho dos novos poetas angolanos, os da geração de 1980, de retomarem a esperança que alimentou as lutas da geração anterior em busca de um novo tempo, ainda que marcado por intensas dificuldades. O verso que encerra o poema de Maimona, "No

Via Atlantica22.indd 92 03/02/2013 19:28:18

caminho doloroso das coisas", reitera esse sentido, ao indicar a decisão de caminhar, seguindo uma "gramática da esperança" que esplende "na ponta do caminho".

José Carlos Mendonça, considerado um grande inovador na poesia angolana do pós-independência, no poema "Poesia verde", do livro, *Um canto para Mussuemba* (2002, p. 17), retoma o mesmo verso de Drummond, "no meio do caminho tinha uma pedra", para com ele referir-se a momentos turvos, a um tempo de "pedras montadas sobre a língua". É importante observar que o verso de Drummond ganha, no poema de Mendonça, uma intenção política, que se explicita através de relações inusitadas como em "pedras montadas sobre a língua" e "E as pedras comeram/ A pedra que restou no meio do caminho". Através dessas estratégias, o poema remete a um tempo de duro silêncio, de palavras censuradas, de cerceamento da voz, enfim. Assim, o poeta angolano retoma, do poema de Drummond, o significante "pedra" e, com ele, uma gama de sentidos relacionados com o impedimento ao livre caminhar:

> No meio do caminho nunca houve uma só pedra
> As pedras nascem na boca e a boca é o seu caminho
> Das pedras que comemos as cidades ainda falam
> Pelos cotovelos da noite Não eram pedras eram pedras
> Com cabeça tronco e sexo Pariram fábricas
> De pedras montadas sobre a língua E as pedras comeram
> A pedra que restou no meio do caminho (MENDONÇA, 2002, p. 17).

Como se pode perceber, o poema privilegia relações sintático-semânticas insólitas para aludir a tempos sombrios vividos pelos angolanos, rememorados a partir de estratégias que assumem a obscuridade e investem na ausência de pontuação. O verso de Drummond, "No meio do caminho tinha uma pedra", é posto em cena no poema de Mendonça como motivação à expressão de dificuldades e impedimentos, remetendo a tempos difíceis de "pedras [que] nascem na boca" e no meio do caminho, impedindo não apenas o prosseguir, mas a livre expressão dos desejos e anseios.

A obscuridade do poema é indicadora da tensão dissonante, vista por Friedrich (1978, p. 15) como uma estratégia que visa a inquietude mais que à serenidade. O verso de Drummond é, assim, revivido em construção poética

que não visa, como acentua Friedrich, à mera descritividade "das coisas e dos homens" (*Ibidem*). O poema, ainda que remeta ao mundo exterior, absorve-o no âmbito do não familiar, torna o mundo referenciado estranho porque se vale de imagens que articulam diferentes sentidos que podem ser atribuídos ao significante pedra, neste poema/quadro de feições surrealistas, dedicado a Carlos Drummond de Andrade.

O poeta Luís Carlos Patraquim, de Moçambique, retoma os tempos duros da opressão colonialista em vários poemas, nos quais é possível apreender um percurso inter-relacional talhado numa escrita que acolhe os fatos do contexto histórico sem se descuidar de um apurado trabalho com a linguagem. O poema "Metamorfose", publicado no livro *Monção* (1980), é um exemplo dessa prática que caracteriza o fazer poético do escritor. No poema, expõem-se claras referências ao Drummond de *Sentimento do mundo* e de *A Rosa do povo*, assumidas anteriormente pelo poeta José Craveirinha, homenageado, em epígrafe, no mesmo poema de Patraquim.

O título "Metamorfose" remete a um tempo duro, povoado de medos, a um tempo em que se impõem silêncios graves que se metamorfoseiam nos sonhos da criança que observa o mundo. É interessante observar que a referência a Drummond se faz, no poema, de forma metonímica no verso "nem sentimento do mundo grave", e de maneira explícita quando o nome do poeta brasileiro é anunciado no último verso da primeira estrofe:

Metamorfose

Ao Poeta José Craveirinha

quando o medo puxava lustro à cidade
eu era pequeno
vê lá que nem casaco tinha
nem sentimento do mundo grave
ou lido Carlos Drummond de Andrade

os jacarandás explodiam na alegria secreta de serem vagens
e flores vermelhas
e nem lustro de cera havia

para que o soubesse
na madeira da infância .
(PATRAQUIM, 1980, p. 27)

A referência ao poeta brasileiro sela, no poema de Patraquim, algumas das metamorfoses com as quais se encena o tempo relembrado, tempo em que os versos de Drummond ajudaram a dissipar o medo que "puxava lustro à cidade", paradoxalmente também indicado nas cores exuberantes das flores dos jacarandás.

O poeta brasileiro está em outros momentos da obra desse poeta significativo da fase atual da poesia moçambicana que desobriga o fazer literário da colagem à realidade social, e reitera o compromisso do poeta com o seu texto, levando-o a se interrogar sobre o papel da literatura em lugares recém emersos de um longo período de lutas trágicas. A literatura assume novos sentidos nesta transformação, porque, como observa a poeta moçambicano, a função social "não tem que forçosamente escamotear o poema enquanto objeto estético" (PATRAQUIM, *apud* CHABAL, 1994, p. 264). Nesse novo contexto, Carlos Drummond de Andrade se afirma como condutor dos novos escritores e continua na África, nos países de língua portuguesa, a ser o poeta de referência para muitos.

É como referência que a poesia de Drummond é percebida pelo poeta Eduardo White, de Moçambique, quando declara a Michel Laban, em 1988, ser Carlos Drummond de Andrade um dos poetas de sua predileção e com quem pode aprender a lidar com a violência da realidade, preservando "toda a beleza e a seriedade com que os olhos de um poeta podem ver essa realidade" (WHITE *In:* LABAN, 1998, p. 1203).

Na África, os versos de Drummond, junto com os de outros poetas brasileiros, ajudaram a construir novas paisagens literárias nos espaços de língua portuguesa e os novos rumos dados pelos poetas da nova geração, como João Maimona, José Carlos Mendonça, de Angola, Luiz Carlos Patraquim, Eduardo White, Nelson Saúte, de Moçambique. Para esses poetas, a presença de Drummond é sempre lembrada porque se liga a um viés da poesia mais atento ao fenômeno poético e mais consciente desse fenômeno ainda quando se almeja alcançá-lo. E como salienta Carmen Tindó Ribeiro Secco (2006, p. 157), a poesia de Drummond afirma, na África, "a plena e real liberdade humana, seja ela de ordem social ou existencial".

Via Atlantica22.indd 95 03/02/2013 19:28:18

Pode-se dizer que, nos diferentes espaços africanos por onde se estende a língua portuguesa como língua oficial e literária, a poesia de Drummond esteve sempre junto de poetas criadores, de mãos dadas, cantando "o tempo presente, os homens presentes, a vida presente", como afirmam os versos do poema "Mãos dadas", do livro *Sentimento do mundo* (1967, p. 111).

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário Pinto de. *Uma entrevista*. Lisboa: Edições Sá da Costa, 1997.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1967.

_____. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1967.

_____. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1967.

CHAVES, Rita. José Craveirinha - Entrevista. In: *Angola e Moçambique:* experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005, p. 226.

_____. José Craveirinha. Imagens da utopia: o Brasil e as literaturas africanas de língua portuguesa. In: *Angola e Moçambique:* experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005, p. 263-274.

_____. José Craveirinha. O Brasil na cena literária dos países africanos de língua portuguesa. In: *Angola e Moçambique:* experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial. 2005, p. 275-286.

DANTAS, Elisalva Madruga. Ressonâncias drummondianas na poética africana. In: LEÃO, Ângela Vaz. *Contatos e ressonâncias*: literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2003, p. 15-26.

ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da Literatura angolana*. Luanda: UEA, 1974.

FERREIRA, Manuel. A emergência da intertextualidade afro-brasileira. In: *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano, 1989.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. João Maimona: uma poética em desassossego. In: MAIMONA, João. Prefácio do livro *No útero da noite*. Luanda: Nzila, 2001, p. 13-33.

_____. Cenas da poesia angolana: João Maimona. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane (org.). *A kinda e a misanga*: encontros brasileiros com a literatura angolana. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nzila, 2008, p. 259-276.

_____. Matéria de Poesia: a palavra poética. In: DUARTE, Lélia Parreira *et al. Encontros Prodigiosos:* Anais do XVII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001, p. 40-49.

_____. Releituras africanas da literatura brasileira. In: *Literaturas africanas de língua portuguesa*: percursos da memória e outros trânsitos. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008, p. 53-72.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*: da metade do século XIX a meados do século XX. Tradução Marise M. Curioni; Dora F. Da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GOMES, Simone Caputo. Cabo Verde e Brasil: um amor pleno e correspondido. In: *Cabo Verde*: literatura em chão de cultura. São Paulo; Praia: Ateliê Editorial-UNEMAT; Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008, p. 111-124.

António de Almeida, 1998, v. III, p. 1209-1230.

LARANJEIRA, Pires. A cumplicidade luso-brasileira na identidade e identificação das literaturas africanas. In: *De letra em riste*: identidade, autonomia e outras questões na literatura de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Lisboa: Edições Afrontamento, 1992, p. 33-48.

MAIMONA, João. *Quando se ouvir o sino das sementes*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1993.

MENDONÇA, José Luís. *Um canto para mussuemba*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

PADILHA, Laura Cavalcante. Agostinho Neto em trançado de brasileiras vozes. Revista *Scripta,* Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 327-336, 1. sem. 2003.

PATRAQUIM, Luís Carlos. *Monção.* Lisboa: Edições 70, 1980.

SANTILLI, Maria Aparecida. Ecos do modernismo brasileiro (entre africanos). In: *Africanidade*. São Paulo: Ática, 1985, p. 25-30.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Secco. Carlos Drummond de Andrade: o "poeta de Itabira" evocado em África. In: CHAVES, Rita; SECCO, Carmen Tindó; MACÊDO, Tania (orgs). *Brasil e África*: como se o mar fosse mentira. São Paulo-Luanda: Editora UNESP- Chá de Caxinde, 2006, p. 145-158.

Recebido em 11 de junho e aprovado em 26 de outubro de 2012.